



central — acordo

// sobre (about)

A Central Galeria promove exposições e fomenta o debate em torno da arte contemporânea. Em 2018 muda-se para o prédio histórico do IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) projetado pelo renomado arquiteto Rino Levi, localizado no centro da cidade. Essa mudança reformula o espaço e o programa da galeria para estabelecer um diálogo maior com a cidade e o público, expandindo assim, a difusão da produção artística atual e potencializando as trocas e parcerias. O novo programa e dinâmica do espaço salientam o hibridismo e multiplicidade da arte contemporânea, acreditando que o conteúdo e as interlocuções propostas no âmbito da galeria podem transformar e conectar ideias e pessoas.

No subsolo do IAB, patrimônio tombado em três instâncias (iphan, conpresp e condephatt), onde está inserida a galeria, funcionava o Clube dos Artistas e Amigos da Arte; reduto de encontro da intelectualidade paulistana de 1945 até o final da década de 60.

Artistas Representados : Anna Israel, Bruno Cançado, C. L. Salvaro, Gabriela Mureb, Gisele Camargo, Mariana Manhães, Mano Penalva, Ridyas, Rodrigo Martins, Rodrigo Sassi e Simone Cupello.

—

Central Gallery develops expositions and feeds the debate around contemporary art. In 2018, it moved to the historic building of IAB (Brazilian Architect Institute), designed by the renowned architect Rino Levi and located in the city center. This move reshapes the space and the activities of the gallery to establish more dialogue with the city and the public, in this way expanding the diffusion of current artistic production and increasing the potential of exchanges and partnerships. The space's new and dynamic program emphasizes the hybridity and multiplicity of contemporary art, believing that the content and the conversation proposed within the gallery can transform and connect ideas and people.

On the lower level of the IAB, with it's legacy and heritage awarded three times (iphan, conpresp e condephatt), the gallery is located in the former location of the Clube dos Artistas e Amigos da Arte (Artists Club and Friends of the Arts), the meeting point of intellectuals in São Paulo from 1945 to the 1960s.

Represented artists: Anna Israel, Bruno Cançado, C. L. Salvaro, Gabriela Mureb, Gisele Camargo, Mariana Manhães, Mano Penalva, Ridyas, Rodrigo Martins, Rodrigo Sassi, and Simone Cupello

// bio (bio)

Mano Penalva (Salvador, Bahia, 1987), vive e trabalha em São Paulo. Formado em Comunicação Social (2008, PUC-RJ), cursou Ciências Sociais (PUC-RJ) e frequentou cursos livres de arte no Parque Lage (2005-2010, RJ).

O processo de Mano Penalva envolve seu interesse pela antropologia e formação cultural, principalmente brasileira, que se materializa nessa urgência em se apropriar de artigos comuns encontrados e adquiridos na rua, mercados populares e em viagens para compor seus próprios trabalhos. Sendo assim, pode-se reconhecer uma quebra de fronteiras, e globalização de linguagem proposta pelos trabalhos, seja na apropriação de uma iconografia nacional familiar, ou na justaposição desta à outras iconografias de diversas partes do mundo, subvertendo muitas vezes os valores e significados originais e costurando discursos de cunho sociais filosóficos que são evidenciados pelas formas dos objetos criados.

—

Mano Penalva (Salvador, Bahia, 1987) lives and works in São Paulo. He has a degree in Social Communication (2008, PUC-RJ), studied Social Sciences (PUC-RJ), and took art classes at Parque Lage (2005-2010, RJ).

Mano Penalva's process involves his interest in anthropology and cultural formation, specifically Brazilian, which materializes in an urgency to appropriate common articles found and purchased on the street, popular markets, and in trips in order to compose his works. Therefore, a breaking of borders is recognizable along with the globalization of language proposed by his works, whether it is the appropriation of national iconography, or in the juxtaposition of this with other iconographies from diverse parts of the world. Many times this subverts the original values and meanings and stitches together philosophical social discourse, which is evidenced by the resulting objects that are created.

// currículo (curriculum)

Mano Penalva, Salvador, BA, 1987. Vive e trabalha em São Paulo.

exposições individuais (solo shows)

- 2018 */Hasta Tepito*, curadoria de Julie Dumont, b[x] gallery, Nova York, EUA
/ReQuebra, curadoria de Julie Dumont, The Bridge Project, Bruxelas, BEL
/Truk(a), Curadoria de Josué Mattos - SOMA Galeria - Curitiba, PR
- 2017 */Proyecto para Monumento*, Curadoria de Yunuen Sariego - Passaporte Cultural - Cidade do México, MEX
/Estado Sul, curadoria Franck Marlo - POP Center - Porto Alegre, RS
/Andejos, com texto crítico de Olivia Ardui - Museu de Arte de Ribeirão Preto - Ribeirão Preto, SP
- 2016 */Balneário* - Central Galeria - São Paulo, SP
- 2015 */Deslocamento*, Projeto MESMO LUGAR do Jardim do Hermes - QUAL CASA - São Paulo, SP

exposições coletivas (group shows)

- 2019 */RECIPES FOR A B_R_Z_L_?*, Spring Break/UN Plaza, New York, Curadoria: Tatiane Santa Rosa (AnnexB)
/DEVANIR, HELENIRA, ZULEIKA, VLADIMIR, Duas Galerias, Belo Horizonte, Curadoria: Wagner Nardy
- 2018 */Molt Bé*, Galeria Portas Vilaseca, Rio de Janeiro, Curadoria: Raphael Fonseca
/Festival ZUM 2018 com o livro Páginas Amarillas, Instituto Moreira Salles, São Paulo.
/Bienal das Artes Sesc Distrito Federal, Pátio Brasil Shopping, Brasília, DF.
/La Suite: Decadance avec elegance, curadoria de Laurent de Meyer e Gatien Du Bois, Penthouse Art Residency, Bruxelas, BEL
/Blockchain, curadoria de Helena Acosta, Noah Workman e Pia Coronel, b[x] gallery, Nova York, EUA.
/O maravilhamento das coisas, Curadoria de Julie Dumont - Galeria Sancovsky - São Paulo, SP
- 2017 */A Bela e a Fera*, curadoria Leda Catunda - Central Galeria - São Paulo, SP
/Library of love, curadoria Sandra Cinto - Contemporary Arts Center of Cincinnati - Ohio, EUA
/49° Salão de Piracicaba - São Paulo, SP
/Hecha la ley, hecha la trampa - Hangar - Barcelona, ES
/Hecha la ley, hecha la trampa - Calçada da Glória - Rio de Janeiro, RJ
/45° Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto - Santo André, SP
/Arranjos - SAO Espaço de Arte, São Paulo - São Paulo, SP
/As coisas se escoram tortas - DaP - Divisão de Artes Plásticas da Uel - Londrina, PR
/Área, curadoria Omar Porto - Espaço Saracura - Rio de Janeiro, RJ
/UNS - Espaço Breu - São Paulo, SP
- 2016 */41° SARP, Salão de Arte de Ribeirão Preto Nacional-Contemporâneo* - Museu de Arte de Ribeirão Preto - Ribeirão Preto, SP

// currículo (curriculum)

- /Ocupação IN(LAR) – Instituto da Laringe – São Paulo, SP
/Comensais, curadoria Maykson Cardoso – Projeto A MESA – Rio de Janeiro, RJ
/Secretaria Insegurança Pública, curadoria Caroline Carrion – SAO Espaço de Arte – São Paulo, SP
/Arranjos – SAO Espaço de Arte, São Paulo – São Paulo, SP
2015 /Symphony of Hunger: Digesting Fluxus in five Movements, curadoria September Collective – A PLUS A Gallery – Veneza, IT
/22o Salão de Arte Contemporânea de Praia Grande – São Paulo, SP
/CONTRAPROVA – Paço das Artes – São Paulo, SP
/40° SARP – Salão de Arte de Ribeirão Preto Nacional-Contemporâneo – Museu de Arte de Ribeirão Preto – Ribeirão Preto, SP
/L'imaginaire de l'enfance, curadoria Carlotta Montaldo – Cité Internationale des Arts – Paris, FR
/LA DOB: Explorações Brasileiras, curadoria Camilla D'Anuziata – RED STUDIO – São Paulo, SP
2014 /VIDI ARTE: Memórias do Nordeste, curadoria Roberta Fernandes – Mirante do Arvrão – Rio de Janeiro, RJ
/If you see something, say something – Lot45 – Bushwick Brooklyn, NY
2012 /A rua em SP, curadoria de Gabriela Ribeiro – Centro Cultural Rio Verde – São Paulo, SP

prêmios bolsas e residências (awards, grants and residencies)

- 2018 /AnnexB – residência artística – Nova York, EUA
/Penthouse Art Residence – residência artística – Bruxelas, BE
2017 /R.A.T – Residência Artística por Intercâmbio Cidade do México
/POP Center – Porto Alegre, RS
2016 /41° SARP, Salão de Arte de Ribeirão Preto Nacional-Contemporâneo – Museu de Arte de Ribeirão Preto – Ribeirão Preto, SP
2014 /Conarti – residência artística – Nova York, EUA

coleções públicas (public collections)

- /Frédéric de Goldschmidt Collection – Bruxelas – Bélgica
/PAT Art Lab – Augsburg – Alemanha
/Acervo – MARP, Museu de Arte de Ribeirão Preto – Brasil
/Acervo da Laje – Bahia – Brasil











// texto curatorial (curatorial text)

“É uma questão de aceitar a dignidade do trabalho, seja ele qual for. Politicamente, o âmagô é aceitar a dignidade do trabalho. E o trabalho não é uma coisa servil. É algo que exprime a alma da pessoa.”

[Nise da Silveira, em entrevista a Leon Hirszman]

A estética da gambiarra se consagrou, no Brasil, no final dos anos 1990, notadamente pelo esforço de curadores e críticos que revisaram a produção artística feita com materiais do dia a dia, por vezes precários ou efêmeros, em geral para fazer colidir arte erudita e arte popular. Foram sobretudo a 24ª Bienal de São Paulo (1998) e as mostras do eixo curatorial Cotidiano/Arte, adotado pelo Instituto Cultural Itaú para a programação do ano de 1999, que colocaram em pauta a antropofagia que a arte brasileira fez do dadaísmo e do conceitualismo, principalmente do legado de Marcel Duchamp, que entre nós chegou com certo atraso (entre eles também; basta lembrar que *The Duchamp Effect*, a icônica publicação do MIT, data de 1996). Naquela virada de milênio, questionava-se o que seria das montanhas de refúgio industrial que a humanidade conseguira produzir em escalada exponencial rumo ao século 21. No final dos anos 2000, já se falava em gambiologia, abarcando a apropriação do lixo digital na produção artística, e nova rodada de mostras e debates aconteceu em torno do tema, repaginado. Em 2006, a 27ª Bienal de São Paulo examinou a economia e afetividade das trocas, do deslocamento e das formas do viver coletivo. Uma exposição no New Museum, em 2007, ofereceu uma nova narrativa para a vasta produção contemporânea feita prioritariamente com objetos da vida mundana. Intitulada *Unmonumental*, a mostra reuniu artistas como Isa Genzken, Rachel Harrison, Abraham Cruzvillegas e John Bock para indicar a escolha da colagem e assemblage, da escala humana e da baixa assertividade para abarcar o mundo em ruínas pós 11 de Setembro. Por aqui, onde jamais fomos modernos, mas já éramos pós-modernos em tempos coloniais, o ready-made permeia a história da arte desde os anos 1960 e vem sendo esgarçado e ressignificado pelas gerações subsequentes.

Todo este preâmbulo poderia desembocar, naturalmente, em uma leitura crítica das apropriações de Mano Penalva de objetos cotidianos, como a sacola de feira, feita de rafia, ou as faixas de polietileno das cadeiras de praia, ou ainda as lonas coloridas dos vendedores ambulantes, para a criação de pinturas-objeto imantadas da vida das ruas do Brasil profundo. Não fosse pelo fato de a exposição *ACORDO*, que o artista preparou ao longo de meses (senão anos, a contar da gênese de seu discurso muito particular) para apresentar na Galeria Central, não orbitar essa estética pela qual Penalva ficou conhecido. Acontece que a linguagem do artista não implica uma estetização da precariedade, mas, sim, um entendimento da rua como sujeito. Este sujeito é o protagonista da individual *ACORDO*.

“Pedra e Sabão”, por exemplo, carrega a alma encantadora das ruas. Parte, como todas as obras da exposição, da observação muito atenta do Mano Penalva caminhante, que não olha apenas, mas vive a cidade com o corpo todo: escuta, conversa, sente os odores e os vapores da metrópole. Na banca rasteira de uma vendedora ambulante, ele negocia as pedras de sabão. Da poesia - o artista empresta da literatura brasileira e de sua música popular grande parte de seu repertório imagético, além de ser exímio nos jogos de palavra, como indicam os sentidos cambiantes do título de sua exposição - ele traz a pedra-sabão. O grupo escultórico funciona, em *ACORDO*, como síntese de todo o pensamento. Ali estão concentrados a experiência coletiva das trocas que se dão nas ruas, nas feiras, nas fazendas, do trabalhador informal que domina o seu ofício de ponta a ponta (cuja recusa à alienação fascina Penalva); a negociação, a economia simbólica e, claro, o aceno sensível a David Hammons, o artista que, notoriamente, estendeu uma lona no chão de inverno de Nova York para vender bolinhas de neve de diferentes tamanhos aos transeuntes menos anestesiados dos anos 1980.

// texto curatorial (curatorial text)

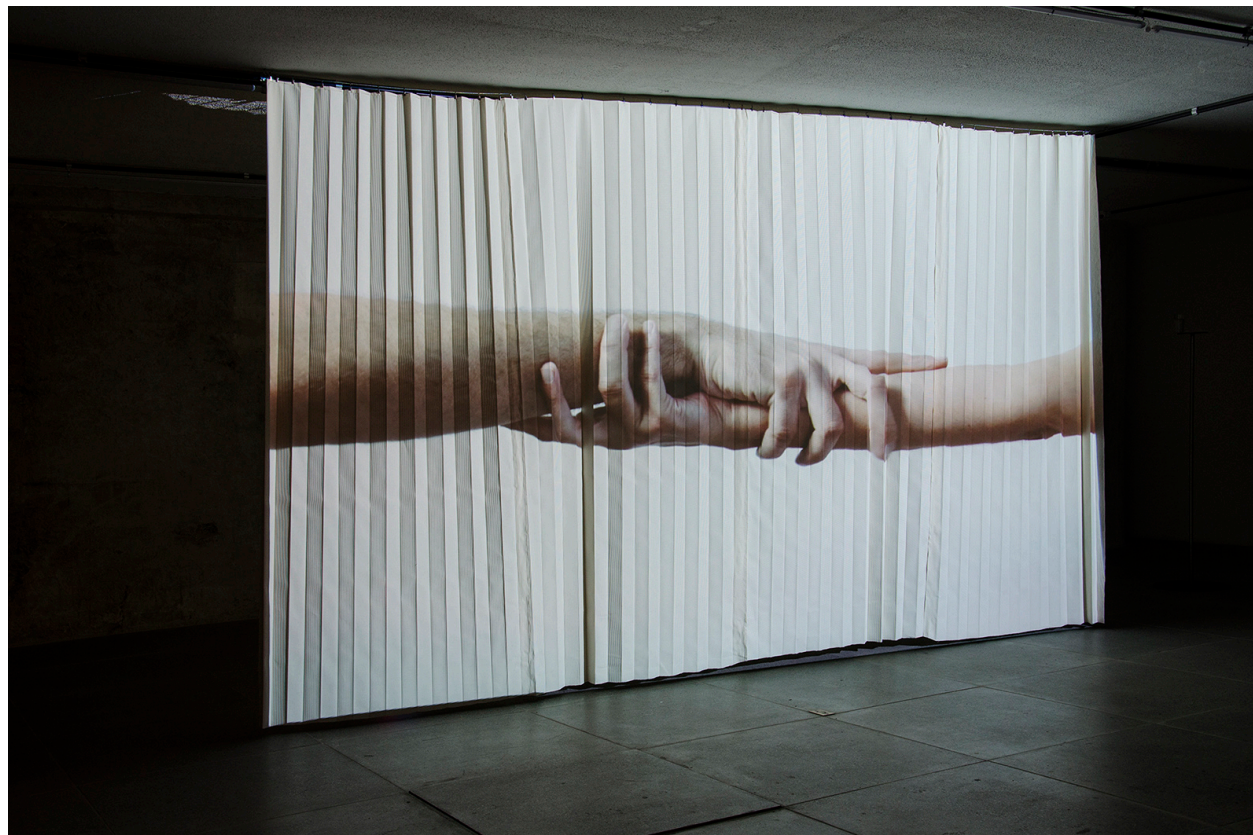
Em torno de Pedra e Sabão, o visitante vê outros conjuntos escultóricos que emulam a performance de vendedores e artesãos ambulantes: Quentinho, Cintura, Melzinho; mais adiante estão Xadrez, Descanso, Margarida e Palhinha, cada um pensado como a materialização dos gestos que compõem a teatralidade típica do fazer, do organizar e das negociações do mercado de rua. Quentinho, por exemplo, traz a expectativa presente nas relações de compra e venda; cones de amendoim oferecidos pelo ambulante ganham o aditivo da “sorte grande”, porque um dos amendoins é uma peça em ouro, e quem visita a exposição pode comprar um por R\$ 50 e três por R\$ 100. Os cintos que o vendedor oferece pendurados em seu braço, os panos que o outro carrega no ombro, as palhinhas que artesãos tramam nas esquinas. Todos parecem estar num jogo preciso que conversa com “Acorde”, uma composição distribuída dinamicamente pelas paredes, de lonas enceradas, dobradas e repousadas em facas e bastões de vidro. Novamente, corporificado, outro personagem da rua: o amolador de facas, que também protagoniza um vídeo apresentado em TV de tubo.

A realização das mãos, a artesanania das imperfeições, o ciclo dos acordos: toda narrativa que subjaz à observação e corpo-a-corpo de Mano Penalva com os ambulantes ecoa, no contexto da arte, o processo de criação e inserção do próprio artista. O labor diário de todos eles, desde que acordam até o último “acordo bem acordado” do dia, seja com o comprador, o fornecedor ou a patrulha a que estão sujeitos os trabalhadores da rua e da arte, encontra na exposição um elogio e uma homenagem. A labuta vem acompanhada de sons, um deles uma composição musical, feita para os dias de trabalho no ateliê até o momento da exposição, em parceria com o cantor e compositor Paulo Neto, à la “cantos de trabalho” recolhidos por Leon Hirszman na trilogia Mutirão, Cacau e Cana-de-açúcar, documentários de curta-metragem que mostram as cantigas que os camponeses nordestinos entoam para amenizar o trabalho pesado. “Acorda, acorde, acode, o tempo levantou cedo. (...) Vamos fazer um acordo, toco um acorde pra você. E se você cedo acordar, acordo bem acordado, outro acorde vou lhe cantar”, o visitante escuta ao percorrer a Central. Há, finalmente, o som do Koan (na tradição zen-budista, perguntas que não têm resposta), que se ouve em um breve momento do vídeo ACORDO, a projeção sobre cortina de lona vincada que está no centro da sala. Aqui, Penalva trabalhou com Fernanda Pavão, Moisés Patrício, Paulo Neto e o diretor Di Rodrigues, outra modalidade do viver coletivo e da afetividade das trocas, presente em todas as obras expostas. O que pode fazer uma mão sozinha? Qual o som de uma só mão a bater palma? A teatralidade das mãos é explorada, na obra audiovisual feita a dez mãos, implicando o simbolismo do aperto de mãos, do toque, do jogo, da mágica. Um só acorde, assim como um acordo solitário, não desenrola nada. Desenrola o que nasce de uma relação, de um saber geolocalizado, de uma ancestralidade assumida. Mano Penalva sabe de onde fala, por isso faz falar com tanta potência esse concerto polifônico que é a sua surpreendente exposição sobre a alma das ruas.

Juliana Monachesi

acordo, 2019

vídeo em cor, looping, 10'33"
dimensões variáveis



melzinho, 2019

garrafas de vidro, mel e vidro
dourado
60 x 170 x 80 cm



acorde, 2019

lona e vidro
88 x 63 x 25 cm



acorde, 2019

lona e vidro
69 x 50 x 25 cm



palhinha, 2019

palhinha, madeira e prego
160 x 50 x 50 cm



palhinha, 2019

palhinha, madeira e prego
41 x 51 cm



palhinha, 2019

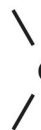
palhinha, madeira e prego
49 x 50 cm



palhinha, 2019

palhinha, prego e iô-iô
39 x 88 x 15 cm





central —

mano penalva

// obras

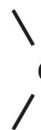
acorde, 2019

lona e vidro
106 x 156 x 24 cm



bento freitas, 306
vila buarque / são paulo
cep 01220-000

+55 11 2645 4480
info@centralgaleria.com
centralgaleria.com



central —

mano penalva

// obras

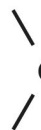
acorde, 2019

lona e faca
168 x 24 x 144 cm



bento freitas, 306
vila buarque / são paulo
cep 01220-000

+55 11 2645 4480
info@centralgaleria.com
centralgaleria.com



central —

mano penalva

// obras

acorde, 2019

lona e faca
210 x 24 x 55 cm



bento freitas, 306
vila buarque / são paulo
cep 01220-000

+55 11 2645 4480
info@centralgaleria.com
centralgaleria.com

descanso, 2019

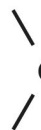
ferro, copo e água
200 x 50 cm



cintura, 2019

cintos e ferro
124 x 60 x 27 cm





central —

mano penalva

// obras

xadrez, 2019

panos e ferro
170 x 76 x 60 cm



bento freitas, 306
vila buarque / são paulo
cep 01220-000

+55 11 2645 4480
info@centralgaleria.com
centralgaleria.com

quentinho, 2019

amendoim, papel, ferro e ouro
50 x 40 x 40 cm
edição 1/3



margarida, 2019

imã e ferro
100 x 20 x 20 cm
edição 1/3 + p.a.



pedra e sabão, 2019

pedra, sabão, ferro e lona
28 x 48 x 66 cm

